

## **POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS: AS REPRESENTAÇÕES DAS LÍNGUAS PARA OS SURDOS E A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL**

*Ronice Müller de Quadros<sup>1</sup>*

---

### **Introdução**

Este artigo apresenta alguns significados atribuídos pelos surdos à língua de sinais e à língua portuguesa. As línguas faladas, as línguas de sinais, as línguas escritas apresentam diferentes estatutos sociais, políticos, culturais e educacionais. Isso não é novidade. Sempre discutiram sobre as línguas na vida dos surdos, mas sempre foi considerado o que os outros pensavam sobre isso e não o que os próprios surdos levantavam. No contexto brasileiro, caracterizaram-se práticas e políticas lingüísticas que se basearam em imposição da língua falada objetivando a assimilação da língua portuguesa padrão como modelo de sucesso escolar. Do completo desconhecimento da importância da língua de sinais para o processo de aquisição da linguagem ao ensino clínico-terapêutico para a recuperação da fala, percebe-se a reprodução de valores políticos que marcam a educação de surdos no Brasil até os dias de hoje. A política lingüística brasileira ainda é pautada na crença de que o país seja monolíngüe, favorecendo a língua portuguesa em detrimento das tantas outras línguas existentes no nosso país (Quadros, 2005). Desconstruir esse processo não significa simplesmente determinar os espaços que as línguas passam a ocupar nas escolas que educam surdos, mas sim passar por um processo muito maior de reflexão, de (des-) estruturação, formação de profissionais, criação de novos espaços de trabalho e, em especial, inversão da lógica das relações. É preciso reconhecer o que representam as línguas para os

---

<sup>1</sup> Ronice Muller de Quadros, Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Pedagoga, Mestre e Doutora em Letras (ênfase em Lingüística). Este artigo resulta de pesquisas financiadas pela CAPES/PROESP e FAPESC. Agradeço à Gladis Perlin e à Mara Massutti por estabelecerem comigo um diálogo sobre as questões abordadas neste texto.

próprios surdos. Não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do cenário da proposta escolar, mas sim tornar possível a existência das línguas reconhecendo-as de fato e constituindo um espaço de negociação permanente. O espaço de negociação instaurou-se no reconhecimento do outro. E mais importante ainda, os surdos sendo participantes ativos da significação e atribuição de espaços para as línguas na educação dos próprios surdos. Apesar de ser eu ouvinte, este artigo é uma tentativa de trazer perspectivas e reflexões dos próprios surdos sobre os significados das línguas no contexto educacional.

### **A língua de sinais**

*A língua de sinais é a minha língua, afinal de contas, a mão é sua ou é minha?* (Gelda Maria de Andrade, Depoimento concedido à TV Minas, 1996)

Desde antes da proibição do uso da língua de sinais em sala de aula à permissão do seu uso, os surdos usam e abusam da língua de sinais brasileira em diferentes espaços da sociedade. Essa língua se constituiu na “comunidade surda brasileira”, principalmente dos grandes centros urbanos, no encontro surdo-surdo<sup>2</sup>.

*Considerando que a cultura surda mostra uma nostalgia curiosa em relação a uma “comunidade imaginária” e que é barbaramente ou profundamente transformada, senão destruída no contato com a cultura hegemônica, ela age como reguladora da formação da identidade surda, que se reaviva novamente no **encontro surdo-surdo**. Este encontro é um elemento chave para o modo de produção cultural ou de identidade, pois implica num impacto na “vida interior”, e lembra da centralidade da cultura na construção da subjetividade do sujeito surdo e na construção da identidade como pessoa e como agente pessoal. (Miranda, 2001)<sup>3</sup>*

Os surdos brasileiros resistiram à tirania do poder que tentou silenciar as mãos dos surdos, mas que, felizmente, fracassou neste empreendimento autoritário. Os surdos adquiriram a língua de sinais pela janela, como diz Basso (2003), mas a adquiriram e

---

<sup>2</sup> Perlin (1998) descreve o significado do encontro surdo-surdo por meio do seguinte depoimento: “É uma identidade subordinada com o semelhante surdo, como muitos surdos narram. Ela se parece a um imã para a questão de identidades cruzadas. Esse fato é citado pelos surdos e particularmente sinalizado por uma mulher surda de 25 anos: aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificavam eles identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem”. (Perlin, 1998:54)

perpetuam por meio do seu uso com outros surdos, valores, idéias e concepções de mundo. Resistiram criando espaços fora da escola: nos pontos de encontros, nas associações de surdos, nas casas dos pares surdos, onde, ao se encontrarem conversavam entre si, planejam os encontros, organizavam as festas na sua própria língua, ou seja, a língua de sinais brasileira.

A língua de sinais brasileira é visual-espacial representando por si só as possibilidades que traduzem as experiências surdas, ou seja, as experiências visuais. Os surdos vêm a língua que o outro produz por meio do olhar, das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua vista no outro.

As línguas de sinais de vários países foram preservadas e passadas de geração em geração por meio das associações de surdos e famílias de surdos. No Brasil, as associações de surdos sempre mantiveram intercâmbios por meio de redes possibilitando contatos entre surdos do país inteiro<sup>4</sup>. As festas, os jogos, os campeonatos, as sedes organizadas por surdos são formas de interação social e lingüística que não aparecem nas escolas de surdos (muito menos nas escolas regulares) por representarem movimentos de resistência a um sistema que poda, que determina, que lesa a formação da comunidade surda brasileira.

Que significados os surdos atribuem a sua própria língua? Com base em trechos de conversas com surdos sobre a língua de sinais, apresento algumas possíveis reflexões sobre esta pergunta<sup>5</sup>.

Eu me sinto melhor usando a língua de sinais. Acho que é mais fácil, leve e suave. Eu gosto de conversar na língua de sinais, não preciso fazer esforço, pois a conversa flui. Os sinais saem sem eu pensar, muito melhor. Posso falar de tudo na língua de sinais. Eu aprendo sobre as coisas da vida, sexo, trabalho, estudos, tudo na língua de sinais. Eu gosto de encontrar com outros

---

<sup>3</sup> Grifo meu.

<sup>4</sup> Redes estas que foram fortalecidas por meio das festas de aniversário das associações de surdos, dos jogos, das competições esportivas. Os surdos sempre se organizaram em verdadeiras caravanas para se deslocarem até à instituição que sediava e sedia o ato cultural, esportivo e social. Por meio destes contatos, os amigos e líderes se encontravam e encontram para trocarem idéias e contarem as novidades. Atualmente, estas redes estão potencializadas por meio do uso de celulares e Internet.

<sup>5</sup> Foram realizadas registradas conversas com vários surdos e transcritos aqui apenas trechos considerados pertinentes para o objetivo deste artigo. Entre estes surdos, dois fazem parte de família de surdos [E. e I.] e os demais são surdos de família ouvinte que estão na comunidade surda. Os depoimentos estão registrados em português em forma de citação se opondo às citações de trechos de autores que estão em itálico.

surdos só para conversar, pois consigo relaxar. Eu prefiro usar sinais, mais fácil, melhor. [S. 2000].

Nesta passagem, percebe-se que a língua de sinais apresenta a possibilidade efetiva de troca com o outro. Além disso, é uma língua que possibilita aos surdos falar sobre o mundo, sobre significados de forma mais completa e acessível, uma vez que se organiza visualmente. Também se percebe o quanto é prazeroso o uso desta língua conforme enfatizado no trecho a seguir:

A língua de sinais é a língua em que eu me comunico, diferente da língua falada. Por meio dos sinais consigo pensar sobre as coisas da vida, é uma língua que faz eu pensar. Eu quero que todas as crianças surdas tenham a chance de aprender a língua de sinais desde pequenas com outros surdos, porque é uma língua que faz parte do mundo dos surdos, do povo surdo. A língua de sinais possibilita organizar as idéias de um jeito próprio dos surdos que é diferente do ouvinte. [G. 2004].

Neste trecho, observa-se a contextualização da língua na cultura surda<sup>6</sup> enquanto elemento constituidor da identidade surda.

*Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes. Ela se manifesta mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos. A escola a muito tem representado o lugar em que os surdos não possuem os seus espaços, pois banuiu a língua de sinais e jamais permitiu a consolidação dos grupos surdos e de suas produções culturais. Assim, a coletividade surda garantiu-se através de movimentos de resistência com a fundação de organizações administradas essencialmente por surdos. Em muitas dessas organizações, ouvintes não são permitidos no corpo administrativos. O que acontece aqui é o clamor pela coletividade surda com a constituição de suas regras e de seus princípios e um confronto de poderes. Nesse espaço com fronteiras delimitadas por surdos é que se constitui a cultura surda. Em alguns casos, até admite-se a existência*

---

<sup>6</sup> Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – “dentro de identidades e correspondências inesperadas”, assim como em “descontinuidades de tipos inesperados” – dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. A análise de cultura é, portanto, “a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (Hall, 2003:136). Como diz Perlin (1998:54), os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva.

*dessa cultura, mas enquanto cultura subalterna ou minoritária, jamais como cultura diferente. (Quadros, 2003:86).*

Da mesma forma, tais questões reaparecem na narrativa daqueles surdos que falam explicitamente das posições de poder de surdos e ouvintes, sobre cultura surda, sobre identidade surda e a escola de surdos. Seguindo Bhabha (2003:20-21), estas precisam ser colocadas além das discussões que já vem sendo travadas no campo dos estudos surdos. “Além”, aqui, significa distância espacial, marca um progresso, promete um futuro ou o limite – estar além é habitar um espaço intermédio – residir no além é, ainda, ser parte de um tempo revisionário, “pois é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”.

Ainda seguindo as formulações de Bhabha, de que modo se formam sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar das histórias comuns de provação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável?”. O autor segue suas reflexões que se aplicam as falas dos surdos quanto à invenção da surdez embebida na cultura, mas apenas nas relações culturais apropriadas entre os próprios surdos, mas nas relações com os seus outros surdos, deficientes auditivos e ouvintes. “A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição, (...) mas sim uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”. Instaura-se neste momento, um processo de negociação com menos ou mais embates entre as diferenças.

Nesse sentido, não buscando formular uma cultura enquanto uma essência do ser surdo, este trabalho traz o termo “cultura surda” como instrumento para analisar as nuances que se manifestam entre os surdos com os próprios surdos e nas escolas na

relação com os seus alunos surdos e colegas ouvintes. Estes surdos neste tempo apresentam uma visão e uma construção cultural imersas em determinadas condições políticas. Assim, “*a passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta*” (Bhabha, 2003:22). Nas relações com os ouvintes, manifestam-se estratégias de resistência que se expressam nas falas dos surdos. Além disso, nessas relações, o estranhamento deve ser considerado, pois os surdos não poderiam retornar a sua vida sem perceber que tinham aprendido ou reproduzido idéias e modos dos ouvintes que inconscientemente adotaram.

Perlin (1998)<sup>7</sup> analisa alguns pontos a respeito da identidade surda calcando seus ensaios na questão do ser igual, da proximidade enquanto necessidade da pessoa surda. A autora usa a expressão “óculos surdos”, diga-se de passagem, uma expressão especialmente visual, uma expressão “surda”. A autora prossegue suas reflexões da seguinte forma:

*É uma identidade subordinada com o semelhante surdo, como muitos surdos narram. Ela se parece a um imã para a questão de identidades cruzadas. Esse fato é citado pelos surdos e particularmente sinalizado por uma mulher surda de 25 anos: aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificavam eles identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem. (Perlin, 1998:54)*

Nesse contexto, a língua de sinais é trazida como elemento constituidor dos surdos na relação com outros surdos e na produção de significados a respeito de si, do seu grupo, dos outros e de outros grupos. O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade de troca de significados que na língua de sinais, nas políticas, na marcação das diferenças carregam a marca da cultural. Assim, o outro igual é aquele que usa a mesma língua e que consegue trilhar alguns caminhos comuns que possibilitam o entendimento sem esforços de outra ordem. O processamento mental é rápido e eficiente, além de abrir possibilidades de troca efetiva e o compartilhar, o significar, o fazer sentido.

---

<sup>7</sup> Gladis Perlin é uma mulher surda, professora da UFSC, que desenvolve pesquisas no campo das identidades surdas e sobre as pedagogias dos surdos.

Os caminhos comuns passam por formas surdas de pensar e significar as coisas, as idéias e os pensamentos necessariamente na língua de sinais.

Ao se referirem à língua de sinais, há uma tendência de compará-la ao português. Nos trechos já destacados, sempre foram feitos comentários expressando de forma explícita ou implícita uma relação com o português. *A língua de sinais é melhor, é mais fácil* e assim por diante. Esses trechos foram retirados de surdos letrados no português, assim o seu estatuto bilíngüe lhes permite comparar uma língua com a outra. Além disso, existe uma relação de poder instituída entre as línguas que reforçam a dicotomia língua de sinais e língua portuguesa, neste caso sendo a língua de sinais o primeiro elemento, visto como o melhor e a língua portuguesa vista negativamente. Posteriormente voltaremos a discutir os significados atribuídos a língua portuguesa nesta perspectiva.

Ladd (2003) situa o momento atual como pós-colonial em que os surdos passam a ser aqueles que respondem pelas línguas de sinais.

*Como muitas pessoas surdas sabem, há um gênio particular nas línguas (e nos próprios surdos), que por si só, diferente de qualquer língua falada, sofisticou uma comunicação internacional a qual não se baseia em qualquer língua nacional. Quando o seu trabalho entra neste terreno, você começa a encontrar talvez o ponto tolerável da cultura surda – que é um povo. As pessoas surdas precisam saber, por muito tempo quiseram saber, como esta crença é construída, e o que as partes podem constituir. Quanto mais se sabe sobre isso, melhor nós podemos entender a nós mesmos, articular nossas crenças e, quanto mais nós ensinamos eles, melhor, não somente as crianças surdas e seus merecidos pais. Nós precisamos saber quais são as características gramaticais desse fenômeno lingüístico global, mas também, precisamos explorar o que é único de cada cultura de nossas culturas surdas e como elas operam dialetalmente com outras línguas. Isso é importante, pois nós encontramos um ponto pós-colonial em que estudando e publicando sobre a cultura surda não é somente o próximo passo, mas também possivelmente o final do divisor de águas acadêmico para este movimento específico de liberação. Ladd (2003:7)*

Neste momento, também no Brasil, muitos surdos se apropriam da própria língua e fazem um movimento intenso para garantir seus direitos de acesso a ela. Os próprios surdos tomam a frente dos movimentos para reconhecimento legal. Os surdos

reivindicam a presença de intérpretes de língua de sinais em diferentes espaços, incluindo os espaços de negociação com os ouvintes para pensarem e definirem aspectos relacionados com a vida dos surdos. Dessa forma, a autoria surda passa a ser representada em algumas instâncias delineando o período pós-colonialista em relação aos surdos brasileiros. Isso se traduz na presença dos surdos no Ministério da Educação, na restrição do ensino da língua de sinais aos instrutores necessariamente surdos, na articulação dos movimentos surdos e, assim por diante.

Ladd recoloca as prioridades em relação aos estudos das línguas de sinais a partir da perspectiva surda. Os surdos querem entender suas origens, buscar explicações de como se constituiu a sua língua. Como afirma Ladd (2003:14), se entendemos que um povo se torna des-colonializado quando estabelece seus próprios interesses, planeja seu próprio futuro, precisamos nos perguntar quais são as prioridades que estamos apresentando para as nossas investigações. Os surdos querem saber da própria língua no sentido de desvendar a sua constituição no passado e no presente.

*Se os lingüistas perguntassem aos surdos como eles gostariam de ver os recursos alocados em pesquisas, a maioria responderia que gostariam de vê-lo alocado 'na história das línguas de sinais', bem como, 'nas diferenças regionais'. Por alguma razão, que não é fácil de ser sintetizada, as pessoas surdas têm a sensação de esses serem tópicos de importância vital. Nós entendemos até o momento que aspectos sintáticos e morfológicos têm requerido prioridade no processo de re-estabelecimento das línguas de sinais em direções que podem ser de uso prático para a educação e a interpretação. Mas, eu espero que eu tenha demonstrado aqui que estas prioridades estão mudando agora. (Ladd, 2003:13)*

Na entrevista que fiz a uma candidata surda ao mestrado em lingüística, perguntei por que ela estava interessada em estudar a origem dos sinais brasileiros por meio de registros existentes de um conjunto de itens lexicais e por meio de diferentes gerações de surdos. A candidata me respondeu:

É importante guardar a história da língua de sinais brasileira. Eu não quero que ela se perca, mas quero que entendamos como ela se constituiu. Precisamos guardar a história da língua de sinais para poder ensiná-la aos nossos alunos surdos. Eles precisam conhecer como a

nossa língua de constituiu. Antes ela era diferente e foi se transformando no que é agora. Os surdos mais velhos têm sinais diferentes e eles estão morrendo. Se não nos preocuparmos em ver agora como eles faziam os sinais, depois será muito mais difícil. Precisamos aproveitar os que estão vivos para nos contar como fazem ou faziam os sinais que mudaram. É importante isso. Eu quero estudar isso para não perder a história da nossa língua. [A. 2005]

A língua de sinais apresenta um valor inestimável para os surdos e para aqueles que crescem na comunidade surda. É uma língua que permite adentrar e participar de um grupo, o grupo de surdos. Isso ultrapassa fronteiras nacionais, como afirma Ladd. Os surdos do mundo inteiro apresentam formas comuns de identificação que é internacional. Os olhares dos surdos se cruzam independentemente da sua nacionalidade possibilitando o contato, mesmo com línguas de sinais diferentes. Os surdos param os outros surdos e se identificam: *eu sou surdo de tal lugar*. A partir disso, se estabelece uma relação que acontece em uma espécie de língua de sinais internacional e, rapidamente, se aprende a outra língua de sinais incorporando-a em um curto espaço de tempo. A língua de sinais para os surdos é a possibilidade de adentrar e significar o mundo.

### **A língua portuguesa**

Eu escrever português difícil, importante você entender. Avisar todos próximo domingo ter passeata falar educação de surdos importante, língua de sinais importante governo precisar entender. Você precisar ir, certo? [E-mail de um surdo enviado a mim no mês de setembro de 2005]

Quais os significados da língua portuguesa para os surdos? Para pensar sobre isso, é necessário mencionar que a língua portuguesa sempre representou uma grande tensão entre os surdos e os ouvintes. De modo geral, os professores ouvintes se preocuparam em pensar, pesquisar e elaborar metodologias para garantir o acesso à língua portuguesa por surdos. No entanto, por outro lado, para os surdos as representações do português tomam diferentes formas que não se relacionam com essa importância forçada pelos ouvintes. O povo surdo brasileiro, de certa forma, apresenta algumas identidades dos *povos do pagus – colonizados, pós-colonizados, migrantes, minorias – povos*

*errantes que não serão contidos dentro do Heim da cultura nacional e seu discurso uníssono, mas que são eles mesmos os marcos de uma fronteira móvel, que aliena as fronteiras da nação moderna (Bhabha, 2003:231).* Sim, fronteira móvel, os surdos pertencem a uma fronteira móvel que não está ligada a um espaço geográfico específico, fixo, independente, mas que está “entre-lugares”. O que especifica este povo é a língua de sinais brasileira, visual-espacial, que é de outra ordem que não a ordem do português, uma língua oral-auditiva. O movimento é de romper com o a ordem instituída e as formas colonizadoras de imposição da língua portuguesa sobre os surdos, como a língua da nação. Nação esta imaginada como aquela que fala uma única língua. Assim, esta nação é sonhada pelo outro e não pelos surdos.

Nesse sentido, configurou-se o oralismo e, até mesmo, a comunicação total<sup>8</sup>. No processo de colonização, os falantes de português aprenderam alguns sinais para utilizá-los instrumentalmente no ensino do português. No entanto, o que significavam os seus sinais no contexto que se apresentavam. Não era possível identificar a opacidade dos sinais intencionada pelos professores ou fonoaudiólogos no processo de inculcação de uma língua. Da mesma forma, ao usar as palavras soltas do objeto ensinado a duras penas, os surdos produziam significados soltos e perdidos nos contextos tornando o texto mais opaco ainda, “quase” sem sentido. O diálogo então tornara-se impossível, inviável. O “colono surdo”, então, evidenciava a sua incapacidade diante do outro justificando, assim, a continuidade deste processo de colonização des-humano até os dias de hoje.

Diante desse contexto, levantamos algumas narrativas de surdos ao se referir ao português:

Eu penso que português é fala, que sempre querem fazer a gente falar esta língua. Português é falar, falar e falar. É oralizar. É leitura labial. [S. 2000]

Eu nunca aprendi português. Na escola fiquei 18 anos estudando português, mas eu não passava da quarta-série. As professoras me ensinaram português por 18 anos e eu não consigo ler uma reportagem de jornal sem dificuldades. Acho que português é muito difícil mesmo, não tem jeito. Além disso, sempre fui para a sala de fono, sempre me

---

<sup>8</sup> Oralismo: ênfase na língua oral por meio de processos terapêuticos de ensino da fala, da leitura labial e treinamento auditivo. Comunicação total: filosofia (metodologia) de educação com ênfase na utilização de todas as possibilidades de comunicação com o fim de ensinar a língua falada do país.

ensinaram a fazer pa,pa,pa,pa. O que aprendi? Nada, nada mesmo. Perdi meu tempo. Agora quero trabalhar, me casar e não aprendi nada na escola [M. 1992].

Eu não quero mais estudar português, a língua de sinais é muito melhor. Eu odeio português. É muito chato, sempre igual. Eu sou contra o português, pois eu aprendi tudo sobre a vida e sobre as coisas na língua de sinais. Em português sempre perdi tempo, não aprendi nada. Eu acho melhor aprender tudo em sinais. Podemos fazer tudo em vídeo. Agora eu comprei uma filmadora, assim filmo tudo em sinais, filmo as palestras, filmo as pessoas falando em sinais sobre as coisas. Muito melhor assim, aprendo sobre tudo. Não preciso do português. [E. 1998]

A língua de sinais é superior a língua portuguesa. Os professores não sabem nada da nossa língua que é muito melhor do que a língua portuguesa. É melhor ter cuidado, pois sempre eles querem nos ensinar português para acabar com a nossa língua, a língua de sinais. Os ouvintes são perigosos. [W. 2003]

Nestes trechos podemos identificar que a língua portuguesa se restringe muitas vezes à “fala”, que a fala e a sua escrita são difíceis, inatingíveis, inacessíveis, que português é difícil e, por fim, que português pode representar uma ameaça.

O movimento em relação ao português é de desconstrução para, então, ser possível construir o português do jeito surdo (no sentido de Derrida, 1967). Esse processo de desconstrução é necessário e acontece por meio de estratégias de resistência. Um movimento contra o “fonologismo” que relaciona a língua com a estrutura na modalidade oral-auditiva. O português está relacionado com a fala, mesmo quando se imprime na escrita. Se o império do “fonologismo” reina na “colônia” surda, o português sempre será uma ameaça real. Desconstruir essa relação depende da desconstrução do que se acredita ser língua, do que se traduz como língua e linguagem entre os homens, mulheres e crianças brasileiras. A língua de sinais brasileira desconstrói o “fonologismo”, pois é uma forma de manifestação lingüística que rompe com o oral-auditivo e se traduz no visual-espacial. Este movimento é observado em uma configuração social e cultural pós-colonial com indas e vindas, com hibridismos e traduções desencontradas entre os próprios surdos e, também, entre os ouvintes. Os povos surdos já se situam em um discurso pós-colonial, mas reproduzem aspectos de suas relações com o colonizador dentro de seu sistema de

organização. A língua portuguesa, às vezes, é traduzida como superior, mais importante, mais completa do que a língua de sinais brasileira, mas de forma sutil.

Ele é inteligente, ele sabe ler e escrever muito bem português. [A.2005]  
(Nota da autora: trecho de narrativa de um sujeito surdo ao se referir a um outro surdo).

Na idéia do colonizador, a primazia da fala é observada com um trunfo para a ascensão social e cultural tanto do surdo como do ouvinte. O império “fonologista” reina entre surdos e ouvintes permeando as relações na educação de surdos.

Além disso, o processo de colonização é cruel, pois deixa marcas no corpo e na alma dos colonizados. Os surdos ao terem seus filhos evidenciam o conflito da estrangeiridade.

Eu sou casada com um homem surdo. Nós dois tivemos nosso primeiro e filho. Primeiro, ficamos preocupados se ele seria surdo ou ouvinte. Ao sabermos que ele era ouvinte, logo pensamos que deveríamos conversar com ele em português. Eu oralizava, mas minha sogra disse que ele precisava ouvir português de verdade, correto para o bem dele. Eu também achei que ele precisava aprender português. Assim, colocamos o nosso filhinho na creche. Lá eu sabia que ele estava aprendendo português. Agora, ele sabe pouco a língua de sinais, parece que tem vergonha. [M.C. 2003]

Nesta narrativa, percebemos o que Bhabha menciona como perda: *o objeto da perda é escrito nos corpos do povo, à medida em que ele se repete no silêncio que fala a estrangeiridade da língua (Bhabha, 2003:231).*

*Se o desejo de imigrantes de “imitar” a língua produz um vazio na articulação do espaço social – tornando presente a opacidade da linguagem, seu resíduo intraduzível – então a fantasia racista, que recusa a ambivalência de seu desejo, abre um outro vazio no presente. (Bhabha, 2003: 233).*

O racismo se traduz e se produz no próprio filho que por ouvir se torna o outro. Para ele, por sua vez, os pais surdos tornam-se estrangeiros. O vazio instaurado provoca sentimento de negação da diferença, negação da língua de sinais. Ao mesmo tempo, a ambivalência existe e se traduz nas relações pós-coloniais.

O fato de haver movimentos de resistência em meio aos processos de colonização, observa-se narrativas com diferentes nuances já com outras perspectivas.

Quando tivemos nosso primeiro filho, ele era ouvinte. Logo pensamos que seria bom, pois ele poderia interpretar para o português as coisas para nós. Ao mesmo tempo, ficamos preocupados que ele pudesse ter vergonha da gente e que precisava aprender bem o português. Deixamos ele ficar mais tempo com os avós, pois eles também pensavam que nós não poderíamos ensinar nosso filho a falar. Depois, quando tivemos nosso segundo filho foi tudo diferente. Já sabíamos que a língua de sinais era uma língua tão perfeita que queríamos ensiná-la ao nosso filho, queríamos ensiná-lo sobre nossa cultura, sobre nossa história. Agora vemos nossos filhos e vemos que erramos com nosso primeiro. Ele tem vergonha de nós e não usa a língua de sinais, já o segundo tem orgulho e sabe super bem a nossa língua. Ele também sabe o português. [E. 2004].

O português passa a ocupar outro espaço na vida da criança filha ouvinte de pais surdos. Ela cresce bilíngüe, sem que isso seja um problema nesta sociedade que dá primazia ao português. A língua de sinais é motivo de orgulho para o povo surdo se refletindo na educação das novas gerações, mas isso somente passa a ser possível ao ser desconstruído o “centrismo” da fala.

Nestes movimentos, observa-se a ameaça “real” de que alguns surdos procuram se proteger: a ameaça do português sobre a língua de sinais. Por anos e anos, a língua de sinais ficou submetida ao centrismo do português. A língua de sinais brasileira não era considerada língua, mas sim gestos, menos válidos, menos língua, menos tudo ou absolutamente nada diante da primazia do português.

Olha que absurdo ter intérpretes de língua de sinais para os surdos em todos espaços da universidade, agora os “macaquinhos” vão ficar pendurados nos surdos por todos espaços. [Comentário de uma professora universitária, 2005].

Em 2005, temos comentários deste nível de “intelectuais” no espaço universitário evidenciando o quanto o reconhecimento da língua de sinais enquanto língua é frágil. Assim, a ameaça do português, como “a” língua realmente representa uma ameaça real aos surdos. Alguns surdos que percebem esta ameaça, mesmo que inconscientemente, usam a estratégia de negá-la. Dessa forma, por mais que o outro

queira ensiná-la, jamais eles irão se apropriar dela. As relações, portanto, são muito mais complexas do que uma simples ressignificação do ser bilíngüe tendo uma língua como sua primeira e a outra como sua segunda língua. As relações de poder instauradas entre o colonizador e o colonizado em um momento pós-colonialista, refletem um espaço de instabilidade e de fronteiras flutuantes que exigem constante vigilância.

### **As línguas e os espaços de negociação na educação de surdos: uma questão de políticas lingüísticas**

Agora sei que a minha língua é a língua de sinais. Agora sei também que o português me convém. Eu quero ensinar português para os meus alunos surdos, pois eles precisam desta língua para ter mais poder de negociação com os ouvintes. [G. 2004] (Nota da autora: professora surda discutindo sobre estratégias de como ensinar a língua portuguesa para os seus alunos surdos).

As políticas lingüísticas ainda acreditam no caráter instrumental da língua de sinais brasileira na educação de surdos. As línguas que fazem parte da vida dos surdos na sociedade apresentam papéis e representações diferenciadas caracterizando uma forma bilíngüe de ser (Quadros, 2005). O fato dos surdos adquirirem a língua de sinais como uma língua nativa fora do berço familiar com o povo surdo, demanda à escola um papel que outrora fora desconhecido. Já se reconhece que a língua de sinais é a primeira língua, que a língua portuguesa é uma segunda língua, já se sabe da riqueza cultural que o povo surdo traz com suas experiências sociais, culturais e científicas. Neste momento pós-colonialista, a situação bilíngüe dos surdos está posta, no entanto, os espaços de negociação ainda precisam ser instaurados. As políticas lingüísticas ainda mantêm uma hierarquia vertical entre o português e as demais línguas no Brasil, apesar de algumas iniciativas no sentido de reconhecimento das “diversidades” lingüísticas do país.

Estamos diante de um processo simbólico de negociação política: a língua de sinais brasileira e a língua portuguesa no espaço educacional em que o surdo está inserido. Os espaços políticos que cada língua representa para uns e para outros não são os mesmos. Os viéses são ambivalentes constituindo o que Bhabha (2003) refere como os entre-lugares por meio de relações intersticiais. Não estamos mais diante de argumentações oposicionais, mas de entre-meios, de fissuras, de objeções, de

representações simbólicas que formam uma trama que vira um drama para a vida dos surdos brasileiros. Daí podemos partir para as negociações nos embates sobre as políticas lingüísticas. “Negociações” somente são possíveis quando o outro deixa de ser convidado e passa a ser integrante da rodada. Enquanto convidado, a sua posição sempre é subalterna a de quem o convidou. Assim, os espaços de negociação tornam-se possíveis quando o outro passa a ser um eu no espaço compartilhado sendo ao mesmo tempo o outro diante do outro eu traduzindo-se nas alteridades que convivem umas com as outras. Assim, segundo Bhabha (2003), a negociação toma forma no lugar da negação. Os surdos não precisam mais negar a língua portuguesa, assim como os ouvintes não precisam mais negar a língua de sinais brasileira. Instaura-se a negociação, um campo que vai além, abrindo espaços, *lugares e objetivos híbridos*. Não significa dizer que a educação de surdos terá as duas línguas, mas que as duas línguas estarão em espaços de negociação que não se traduzem em um ou outro lugar, mas em entre-lugares, em *territórios de ambos*. As relações, portanto, são de ordem muito mais complexa e, por isso, a negociação política torna-se invariavelmente necessária.

*Para esse fim deveríamos lembrar que é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o entre-lugar – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. (Bhabha, 2003: 69).*

## **Referências**

- BASSO, I. Educação de pessoas surdas: novos olhares sobre velhas questões. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Editora UFMG: Belo Horizonte. 2003.
- DERRIDA, J. DE LA GRAMATOLOGÍA [De la Grammatologie. Collection Critique, Paris, Minuit, 1967] In <http://personales.ciudad.com.ar/Derrida/textos.htm> Acessado em 10 de outubro de 2005.
- HALL, S. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Editora UFMG: Belo Horizonte. 2003.
- LADD, P. Time to locate the big picture? In *Cross-linguistic perspective in sign language research*. Selected papers from TISLR 2000. 2003.

- MIRANDA, W. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre. 2001.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In SKLIAR, C. (org.). *Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.
- QUADROS, R. M. O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas. Na *Revista Espaço*. INES. 1998.
- QUADROS, R. M. de. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Revista Ponto de Vista*. No.5. 81-112. NUP. Florianópolis. 2003.
- QUADROS, R. M. De. O bi do bilingüismo na educação de surdos. Em *Surdez e bilingüismo*. Eulalia Fernandes (org.). Editora Mediação: Porto Alegre. 2005.